

“AS MULHERES HEBREIAS NÃO SÃO COMO AS EGÍPCIAS”: UMA LEITURA CONTEXTUAL DE ÊX 1:19

Suzana Chwartz¹

ABSTRACT: This article focuses on an array of interpretations of Ex 1: 19, where the midwives tell the Pharaoh that Hebrew women are not like the Egyptian women.

KEYWORDS: Hebrew Bible, Biblical women, Ancient Egypt literature.

Na abertura do Livro de Êxodo, a lista genealógica dos *saídos da coxa de Jacó*² que partiram de Canaã em direção ao Egito e lá se estabeleceram prefacia a informação de que no Egito *os Filhos de Israel foram fecundos e aumentaram muito, e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, de maneira que a terra se encheu deles*.³

Essa extraordinária explosão demográfica desperta a apreensão do faraó – *um novo rei sobre o Egito que não conhecera a José*⁴ – que se inquieta com a segurança de seu país:

¹ É arqueóloga bíblica e ensina Estudos da Bíblia Hebraica na Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² “Saídos da coxa” implica relação de consanguinidade, sendo coxa (*yerek*) um eufemismo bíblico para órgão reprodutor masculino.

³ *Antigo Testamento Poliglota*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Edições Vida Nova, 2003. Todas as citações bíblicas neste artigo provêm desta tradução.

⁴ Ex 1:8.

...Eis que o povo dos Filhos de Israel é mais numeroso e mais forte que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra.⁵

Com o intuito de reprimir a proliferação descontrolada dos Filhos de Israel, e debilitá-los como “povo”,⁶ o faraó faz vir à sua presença duas parteiras, incumbindo-as de, ao assistir às israelitas em seus partos, matar todo recém-nascido varão e deixar viver apenas as meninas.

Essa estratégia de fato surtiria um efeito estaque imediato no processo de expansão e consolidação de um povo que se definia exclusivamente através do princípio de descendência patrilinear-agnático.

As parteiras, porém, não fizeram o que o rei do Egito lhes havia ordenado e deixaram viver os meninos. Quando repreendidas pelo faraó, afirmam:

*É que as mulheres hebreias não são como as egípcias;
são vigorosas (ḥayot) e, antes que lhes chegue a parteira,
já deram à luz os seus filhos. Ex 1:19.*

Na versão do hebraísta e poeta André Chouraqui:

*Porque as Ibriot não são como as mulheres de Misraim.
Sim, elas são espertas (ḥayot) e geram antes que a parteira chegue até elas!⁷*

Intérpretes de todos os tempos depreendem dessa passagem que as parteiras – impotentes para mudar o desígnio do faraó – engendraram uma

⁵ Ex 1:9-10.

⁶ Em Ex 1: 9 figura, pela primeira vez na *torah*, o termo ‘*am bnei ysra’el*’ (povo dos filhos de Israel); o termo ‘*am*’ indica um grupo unido por laços de consanguinidade, além de ser empregado ocasionalmente com o sentido de força militar. A conjunção desses três termos cria uma expressão que sugere a ideia de um grupo étnico que, conforme o contexto, constitui uma ameaça por sua superioridade numérica e seu potencial de se aliar a um invasor estrangeiro.

⁷ Chouraqui, André. *Nomes*. Trad. Ivan Esperança Rocha e Paulo Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 36.

artimanha para garantir o cumprimento do plano de Deus, cujo desígnio é o de tornar o povo de Israel numeroso *como as estrelas do céu e as areias do mar*, como figura na promessa aos patriarcas.

A interlocução entre as parteiras e o faraó é interpretada, desde a Antiguidade até hoje, como uma representação afirmativa e elogiosa das mulheres hebreias, louvadas por seu vigor, saúde e esperteza, atributos positivos que as diferenciariam das mulheres egípcias.

É consenso, portanto, que as parteiras enalteceram as hebreias perante o faraó.

Em sua exegese do Pentateuco, Rashi⁸ esclarece que o termo hebraico *ḥayot* (fem., pl.) não deve ser considerado, nesta passagem, como um adjetivo, mas como um substantivo cujo significado é: parteiras. A seu ver, as hebreias seriam as suas próprias parteiras, espertas no assunto como as profissionais, e ele recorre à versão aramaica de Onkelos – que emprega o termo *ḥayata'* com o sentido de “parteira” nesse versículo – a fim de fundamentar a sua interpretação. Rashi cita também a exegese talmúdica, que apresenta um comentário distinto sobre o versículo:

*“as hebreias: elas são comparadas aos animais do campo, que não necessitam parteiras (Sotah 11b)”*⁹

Esta opção de leitura figura também na tradução de Graecus Venetus, do século XIV.¹⁰

O termo *ḥayot* deriva do radical *ḥay*, que significa vivo, vivente.¹¹

⁸ Acrônimo de Rabbi Shlomo Yitzhaki (1040-1105), França, conceituado exegeta cujos comentários sobre o Talmud e a Bíblia Hebraica põem em relevo seus aspectos contextuais.

⁹ *Exodus. The Torah: with Rashi's Commentary*. The Sapirstein Edition. New York: Mesorah Publications, 1994, pp. 8-9. A exegese talmúdica fundamenta sua interpretação no fato de que Jacó e Moisés abençoaram as tribos de Israel, associando cada uma delas a um animal.

¹⁰ Hogg, James E. “A new version of Ex 1:19” em *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, vol. 43 (1927), pp. 279-299.

¹¹ Brown, F.; Driver, S.R.; Briggs, C.A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clerndon Press, 1972.

Assim como todos os textos da Bíblia hebraica, a passagem em Ex 1:19 foi registrada em escrita estritamente consonantal e sua fixação vocálica deu-se apenas em meados da Idade Média. No texto massorético medieval, o termo recebeu o sinal diacrítico *pataḥ* (ֿ) que corresponde ao *a* abreviado, e que confere ao termo o sentido de “ter o vigor da vida”.¹²

Mas se, ao invés de *pataḥ*, o escriba massoreta houvesse empregado o sinal diacrítico *qamaṣ* (ֿ) que corresponde ao *a* alongado, o significado da palavra seria “animais”¹³. *ḥayot* – com o sentido de “animais” – é um termo recorrente no relato bíblico. Com o significado de “ser vivente”, é empregado para designar animais selvagens, em oposição a animais domesticados.¹⁴

Nessa passagem do Livro do Êxodo, os escribas massoretas fixaram – além da vocalização do vocábulo – o sentido da palavra e, com ele, todo o contexto da história. O contexto original é de grande relevância para a hermenêutica bíblica, e constitui um dos principais princípios determinados pelos sábios de Israel para a elucidação de uma palavra, versículo ou passagem. No presente estudo, elementos de outros textos bíblicos e da literatura egípcia iluminam significativamente o contexto específico de Ex 1:19.

Duas passagens do Livro de Gênesis, que relatam instâncias distintas do encontro do clã de Jacó com José, explicitam uma visão muito particular dos egípcios em relação aos pastores semitas.

Em Gn 46:31-34 lemos:

E José disse a seus irmãos e à Casa de seu pai: Subirei, e farei saber a Faraó, e lhe direi: Meus irmãos e a Casa de meu pai, que estavam na terra de Canaã, vieram para mim.

Os homens são pastores, são homens de gado, e trouxeram consigo o seu rebanho, e o seu gado, e tudo o que têm.

¹² Brown, F.; Driver, S.R.; Briggs, C.A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

¹³ Brown, F.; Driver, S.R.; Briggs, C.A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

¹⁴ Harris, R.L.; Gleason, L. A. Jr.; Waltke, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T.Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1988.

Quando, pois, Faraó vos chamar e disser: Qual é o vosso trabalho? Respondeis: Teus servos foram homens de gado desde a mocidade até agora, tanto nós como nossos pais; para que habiteis na terra de Gósen, porque todo pastor de rebanho é abominação para os egípcios.¹⁵

E em Gn 43: 31– 33:

[José] depois, lavou o rosto e saiu; conteve-se e disse: Servi a refeição.

Serviram-lhe a ele à parte, e a eles [os irmãos] também à parte, e à parte os egípcios que comiam com ele; porque aos egípcios não lhes era lícito comer pão com os hebreus, porquanto é isso abominação para os egípcios.¹⁶

O termo hebraico que designa abominação é *to‘evah* – derivado do radical *t‘b* ou *y‘b* e paralelo na Bíblia hebraica a termos como *šaqats*, ‘*aqas*, ‘*šana*’, cujo sentido é o de *ne’elah*, ‘*šanua*’, *mešuqaš* – corrupto, odioso, detestável.¹⁷ *to‘evah* parece equivalente ao egípcio *but* e o ácadico *ikibu*, uma vez que esses conceitos figuram na literatura sapiencial dessas culturas como a designação de algo moralmente inaceito.

Na visão da antropóloga Mary Douglas,¹⁸ a abominação não é mais do que o contrário da ordem das coisas que devem ser aprovadas na esfera das relações entre os homens, ou seja, na esfera moral, ou na esfera das relações entre os homens e Deus, ou seja, cúllica.

Heródoto relata em suas *Histórias* que, uma vez que a vaca era tabu alimentar para os egípcios, mas consumida pelos gregos, nenhum nativo do Egito beijaria um grego, utilizaria seus utensílios culinários, ou mesmo comeria a pele de um boi que tivesse sido cortada com a faca de um grego.¹⁹

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Clines, David J. A. (ed.). *The Dictionary of Classical Hebrew*. Jerusalem: Feldheim Publishers, 1999.

¹⁸ Douglas, Mary. *Pureza e Perigo – Ensaio sobre as Noções de Poluição e Tabu*. Trad. Sonia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, s.d., pp. 68-71.

¹⁹ Herodotus, *The Histories* 2.41. Trad. Aubrey de Sélincourt. Penguin Books. Suffolk: The Chaucer Press, 1972, pp. 129-140.

O texto bíblico não deixa dúvida quanto ao fato de os egípcios considerarem odioso ou, ao menos, desprezível, o ofício dos semitas e seus costumes alimentares e sacrificiais. Esta percepção está fundamentada em outra passagem, contida em Ex 8: 25-26:

Chamou Faraó a Moisés e a Arão e disse: Ide, ofereceis sacrifícios ao vosso Deus nesta terra. Respondeu Moisés: Não convém que façamos assim porque ofereceríamos ao Senhor, nosso Deus, sacrifícios abomináveis aos egípcios; eis que, se oferecermos tais sacrifícios perante os seus olhos, não nos apedrejarão eles?²⁰

Na literatura egípcia, descrições dos “asiáticos” são sublinhadas por um flagrante desprezo, como demonstra o texto sapiencial cuja autoria é atribuída a Akhtoy III, pai do rei Merikare da décima dinastia:²¹

...Speak now of the bowman! Lo, the vile Asiatic! It goes ill with the place where he is, lacking in water and covered in brushwood, the paths thereof tortuous because of the mountains. He never dwells in one place but has been forced to stray through want, traversing the lands on foot. He has been fighting since the time of Horus, never conquering nor yet being conquered. He never announces a day for fighting, like an outlaw thief of a (criminal) gang. But as I live! As long as I was around those bowmen were walled off, and the fortress that lay open I closed up on the [...]. And so I made the delta smite them and I plundered their chattels and seized their cattle. Don't give them a thought! The Asiatic is a crocodile on the riverbank: he snatches on the lonely road, (but) he will never seize at the harbor of a populous city.

O asiático, chamado vil neste texto, é descrito como o pastor que se desloca nas areias, sempre a pé, de terra em terra, eternamente necessitado e combatendo a esmo, sem um objetivo específico, como um bandido e um ladrão, podendo ser facilmente intimidado por um centro urbano populoso e fortificado.

²⁰ Grifo nosso.

²¹ Redford, Donald B. *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times*. Princeton: Princeton University Press, 1993, p. 67.

Em outro texto, cuja tônica é lamentar a presença de asiáticos no Egito, estes são comparados a um *pássaro de rapina estrangeiro que assentará seus filhotes nos pântanos do Delta*, e também à *vida selvagem do deserto que beberá do rio do Egito*.²²

Até mesmo o viajante egípcio Sinuhe, que conviveu tão harmoniosamente com os pastores semitas da “Terra de Yaa”, a ponto de desposar a filha de Ammunenshi, patriarca do clã, enfatiza a dicotomia entre o egípcio e o asiático de modo depreciativo:

*I washed the filth of a strange land from my body; I discarded my desert clothes. I was clothed in the finest linen and anointed with the choicest oil, and I slept on a bed. I returned the sand to those who dwell in it and the wood oil to those who grease themselves with it.*²³

As impressões dos egípcios sobre os semitas em geral e, em particular, sobre aqueles que pastoreavam seus rebanhos nas planícies do Delta vêm corroborar a hipótese de que as parteiras do Êxodo poderiam ter simplesmente expressado, em seu discurso ao faraó, a visão de mundo corrente.

O contraste entre as egípcias e as hebreias em nada difere daquele já delineado entre o egípcio e o asiático: enquanto os egípcios representam a civilização – sedentária e soberana em suas cidades fortificadas – os asiáticos são pastores nômades, estrangeiros, à margem da civilização e de seus costumes identitários. De acordo com essa visão, faz todo sentido associar as hebreias a animais, principalmente num discurso que é dirigido ao rei dos egípcios! Assim como os animais, essas mulheres são desmesuradamente fecundas, copulam e reproduzem sem controle e sem a intervenção de uma parteira, que simboliza aqui a prática civilizatória, socialmente inserida.

Também a origem das parteiras bíblicas é motivo de debate acadêmico, uma vez que o texto hebraico autoriza duas leituras simultâneas: parteiras

²² “The Prophecy of Neferty” em Redford, Donald B. *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times*. Princeton: Princeton University Press, 1993, p. 68.

²³ “Stories of Sinue” em Matthews V.H. e Benjamin, D.C. *Old Testament Parallels. Laws and Stories from the Ancient Near East*. New York: Paulist Press, 2006, p. 141.

hebreias ou parteiras das hebreias. A Septuaginta, Josephus, Philo de Alexandria e também Abравanel adotam a segunda possibilidade, confirmando a antiga tradição judaica (registrada por Judah haHassid) segundo a qual as parteiras eram egípcias.²⁴

Seus nomes, no entanto, são claramente semitas. *šifrah*, o nome da primeira parteira, é derivado da raiz que significa “ser bela”; é um nome que figura numa lista de escravos asiáticos ligados a um protetorado egípcio.

pu ‘ah, o nome da segunda, é a filha do herói Danel no épico ugarítico, e quer dizer “moça”, apesar de o termo original ter significado “fragante”.²⁵

Essa breve passagem da Bíblia hebraica é analisada pelos estudiosos sobretudo do ponto de vista teológico – judaico e cristão – que focaliza o misterioso caminho traçado por Deus para a salvação de Israel. Mas a força dessa passagem se encontra, a meu ver, no plano dos detalhes.

As parteiras portam nomes semitas muito provavelmente porque seria ofensivo (para os egípcios) mulheres que exerciam a função de parteiras para as pastoras hebreias, portarem nomes egípcios.

O texto faz referência a duas parteiras, um número comprovado por evidências iconográficas e textuais egípcias, que atestam o costume de a parturiente ser assistida por duas parteiras: uma cuidava da mãe e a outra recebia o recém-nascido em seus braços.

Há também no texto uma referência explícita e precisa às duas pedras (*‘ovanyim*) sobre as quais a parturiente se ajoelhava durante o trabalho de parto, um artefato amplamente conhecido graças à arqueologia.

E, por fim, ao comparar as hebreias a animais, as parteiras imprimiram ao texto, como um selo de autenticidade, o sabor de conceitos e preconceitos que os antigos israelitas conheceram, numa era distante e em uma terra estrangeira.

²⁴ Sarna, Nahum M. *Exodus*. The JPS Torah Commentary, 1991, pp. 7-8.

²⁵ Sarna, Nahum M. *Exodus*. The JPS Torah Commentary, 1991, pp. 7-8.

Referências bibliográficas

- Antigo Testamento Poliglota*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Edições Vida Nova, 2003.
- Brown, F., Driver, S. R., Briggs, C. A.. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- CHOURAQUI, André. *Nomes*. Trad. Ivan Esperança Rocha e Paulo Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CLINES, David J. A. (ed.). *The Dictionary of Classical Hebrew*. Jerusalem: Feldheim Publishers, 1999.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo – Ensaio sobre as Noções de Poluição e Tabu*. Trad. Sonia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, s.d.
- Exodus. The Torah: with Rashi's Commentary*. The Sapirstein Edition. New York: Mesorah Publications, 1994.
- HARRIS, R. L.; GLEASON, L. A. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- HERODOTUS. *The Histories* 2.41. Trad. Aubrey de Sélincourt. Penguin Books. Suffolk: The Chaucer Press, 1972.
- HOGG, J. E. “A new version of Ex 1:19” em *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, vol. 43 (1927), pp. 279-299.
- MATTHEWS, V. H. & BENJAMIN, D. C. *Old Testament Parallels. Laws and Stories from the Ancient Near East*. New York: Paulist Press, 2006.
- REDFORD, Donald B. *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- SARNA, Nahum M. *Exodus*. The JPS Torah Commentary, 1991.